

PRINCIPAIS ENFERMIDADES EM PINGÜINS

REVISÃO DE LITERATURA

BOCARD, Marcelo.

MACHADO, Juliane de Abreu Campos.

Acadêmicos da Associação Cultural e Educacional de Garça - FAMED.

PEREIRA, Rose Elisabeth Peres

roselisabeth@yahoo.com.br

Docente da Associação Cultural e Educacional de Garça – FAMED.

RESUMO

Pingüins são aves marinhas da família *Spheniscidae*, amplamente distribuídos no Hemisfério Sul. Exemplares de algumas espécies destas aves são freqüentemente visualizados no litoral sul do país e quando encontrados na costa são conduzidos a centros de reabilitação. Durante o processo de reabilitação muitas das doenças que acometem pingüins estão associadas aos patógenos locais e aos fatores estressantes do cativeiro e da captura.

Palavras-chave: Doenças em pingüins, *Spheniscus*, *Pododermatite*

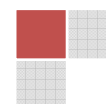
Tema central: Medicina Veterinária

ABSTRACT

Penguins are sea birds of the family *Spheniscidae*, widely distributed in the South Hemisphere. Units of some species of these birds frequently are visualized in the south coast of the country and when found in the coast the whitewashing centers are lead. During the whitewashing process many of the illnesses that acometem penguins are associates to the local diseases and the stress factors of the captivity and the capture.

Word-key: Bumblefoot, Diseases penguins, *Spheniscus*.

1. INTRODUÇÃO



Os pingüins pertencem à ordem Sphenisciformes que é constituída por uma única família, a *Spheniscidae*. Essa família possui 17 espécies distribuídas pelo hemisfério sul.

No Brasil os pingüins são encontrados desde a região sul do país até o norte do Rio de Janeiro, podendo eventualmente atingir a região nordeste (Fortaleza).

Estas aves marinhas são exímios nadadores por possuírem adaptações que os permitem despender a maior parte da vida no mar. É no oceano que ele encontra seu alimento. Os hábitos alimentares variam conforme o gênero e espécie. Sua dieta alimentar é constituída de peixes, cefalópodes e crustáceos.

Além do habitat marinho, também vivem em ambiente terrestre. Retornam ao substrato sólido para postura e incubação de seus ovos, concentrando-se em extensas colônias.

O habitat reprodutivo na América do sul varia desde as cavernas rochosas no deserto até gramíneas nas ilhas continentais no extremo sul; todos, entretanto próximo ao litoral. Possuem como particularidade incubar seus ovos sobre os pés.

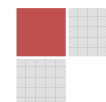
São aparentemente monogâmicos durante a temporada de reprodução, ou seja, cada indivíduo tem apenas um par com o qual divide suas atividades.

Em águas jurisdicionais brasileiras o pingüim mais comum é o pingüim-de-magalhães (*Spheniscus magallanicus*), que chegou ao Brasil pelas correntes Malvinas, acompanhando cardumes de anchoita (*Engraulis anchoita*).

Um tema a ser ressaltado é o derramamento de petróleo no oceano, que causa grandes problemas a esses animais. Estima-se que a contaminação crônica dos mares por descargas ilegais de petróleo matam 42 mil pingüins anualmente, apenas na costa da Argentina.

Este trabalho tem como intuito trazer informações sobre as principais enfermidades que afetam os pingüins como por exemplo: Aspergilose, doenças bacterianas e virais, pododermatite (bumblefoot), etc.

2. CONTEÚDO



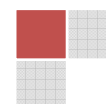
Os pingüins, principalmente os de cativeiro, adquirem uma série de enfermidades importantes à espécie. Dentre as doenças mais comuns em pingüins podem-se citar as doenças virais, bacterianas, micóticas, parasitárias, pododermatite e aves afetadas por petróleo (CUBAS, 2006).

Entre as doenças virais uma a ser citada é a doença de Newcastle (pneumoencefalite) que acomete tanto animais de cativeiro quanto em reabilitação. É uma doença viral (causada pelo *Paramixovirus* aviário tipo 1), aguda, altamente contagiosa que afeta aves comerciais e outras espécies aviárias, com sinais respiratórios (tosse, espirro, estertores) freqüentemente seguidos por manifestações nervosas e por diarreia e edema da cabeça. A manifestação clínica e a mortalidade variam segundo a patogenicidade da amostra do vírus que pode ser muito alta (amostra velogênica), para intermediária (amostra mesogênica) ou baixa (amostra lentogênica) (ALEXANDER, 1997).

Outra doença viral é o herpesvírus, sua transmissão é normalmente pelas vias respiratórias ou oral. O vírus pode persistir no ambiente por várias semanas ou meses, sendo que nas fezes há uma maior quantidade viral. O período de incubação é de no máximo 25 dias (depende da espécie, quantidade vírica e a subespécie). Normalmente os sintomas clínicos são: diarreia; anorexia (falta de apetite); letargia; cianose; tremores; coriza; polidipsia (aumento de ingestão de água); sintomas nervosos; conjuntivite; vômito; dificuldade respiratória; rinite; úlceras na mucosa oral; hepato e esplenomegalia e morte súbita. O tratamento não é muito eficaz, não há como tratar o vírus; mantemos apenas as células de defesas em níveis elevados. (WILLIAN, 1995)

Nas doenças bacterianas, o grupo de infecções mais comum inclui as enterites bacterianas causada por *Escherichia coli*, *Klebsiella* spp, *Salmonella* spp e *Edwardsiella* spp. Outras doenças bacterianas incluem infecção por *Pseudomonas* spp, *Clostridium* spp, *Streptococcus* spp, *Erysipelothrix*, *Mycobacterium*, *Mycoplasma* e Pasteurelose (que é uma enfermidade respiratória causada pela bactéria *Pasteurella multocida*) (CUBAS, 2006).

Entre as doenças micóticas a mais importante é a aspergilose. Essa infecção é muito comum em animais tratados em cativeiros e também em centros de reabilitação. No caso de centros de reabilitação o estresse associado a captura



causa quadros de imunossupressão nos animais deixando-os suscetíveis ao *Aspergillus* sp. A sintomatologia é inespecífica e inclui letargia, inapetência, perda de peso, isolamento do grupo, e respiração com o bico aberto. O agente mais comumente envolvido é o *Aspergillus fumigatus*, e ocorrendo com menor frequência tem-se também *A. flavus* e *A. níger* (CUBAS, 2006)

Há também as doenças parasitárias, entre elas a malária, doença causada por protozoários do gênero *Plasmodium*, transmitida pela picada da fêmea do mosquito do gênero *Anopheles*, é a parasitose mais importante em pingüins de cativeiro, sendo os pingüins juvenis mais suscetíveis (DIEBOLD et al., 1999).

As pododermatites, também conhecidas por bumblefoot, são infecções bacterianas que podem se tornar um problema grave tanto em aves mantidas em cativeiro, quanto em reabilitação. Combinação de fatores predisponentes como a superfície áspera do recinto e a vida sedentária, desempenha papel importante, pois as aves passam grande parte do tempo em pé. Outros fatores predisponentes incluem trauma local, higiene precária, piso continuamente úmido, e deficiência nutricionais (hipovitaminose A e E) (CUBAS, 2006)

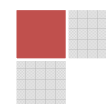
As lesões causadas pela pododermatite resultam em ulceração da pele com posterior proliferação de microrganismos no tecido subcutâneo, formando cáseos. Essas lesões podem evoluir para patas extremamente inchadas, laminites, osteomielite, culminando com ancilose e septicemia (CLARKE, 1993)

O tratamento bem sucedido depende do grau de envolvimento do membro afetado, sendo muito comum recidivas. A prevenção é o melhor método de manejar-se o bumblefoot e consiste em remover fatores predisponentes (JEHL, 1975).

No caso de aves petrolizadas, o quadro clínico inclui estresse, hipotermia, desidratação, irritação e hemorragias gastrointestinais causadas pela intoxicação por ingestão. No Brasil, é comum a ocorrência de indivíduos encalhados afetados por petróleo, sendo uma grande porcentagem destas aves jovens (CUBAS, 2006).

3. CONCLUSÃO

As enfermidades que acometem os pingüins na maioria das vezes estão relacionadas ao ambiente levando em consideração que os animais em cativeiro têm



uma maior propensão a doenças virais, bacterianas e parasitárias por terem um grande nível de estresse.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, D. J. Newcastle disease and other paramyxovirus infections. In: CALNEK, B. W. et al. *Diseases of poultry*. 10.ed. Ames: Iowa State University Press, 1997, p.541-569.

CUBAS, Z. S; SILVA, J. C. R; DIAS, J. L. C; Tratado de animais selvagens . Medicina veterinária, 2006. p. 309-318.

CLARKE, J.; KERRY, K. R.. Diseases and Parasites of penguins, **Korean Journal of Polar Research**. , 1993. v. 4 (2) p. 79-96.

DIEBOLD, E. N.; BRANCH, S.; HENRY, L. Management of penguin populations in North Americans zoos and aquariums. **Marine Ornithology** 27: 171-176, 1999.

FOWLER, M; CUBAS, Z..Biology, Medicine and Surgery of South American Wild Animals. **Iowa State University Press**, 2001.

JEHL, R.J. Mortality of magillanic penguins in Argentina. *The auk*,1975, v. 92, p. 596-598.

WILLIAN, T.D. *The Penguins*. Oxford: Oxford university press, 1995, p.258.

